



Passado, presente e futuro

Sem bola de cristal ou poderes de vidência, o economista norte-americano Jan Kregel, diretor de pesquisa do Levy Economics Institute, especialista em política monetária e política econômica, analisa como as recentes medidas adotadas pelo Brasil para sair da crise podem impactar o desenvolvimento do país no longo prazo. Convidado a palestrar no Fórum do Desenvolvimento, promovido pela ABDE e pelo BID, com o patrocínio do Sebrae, no Rio de Janeiro, Kregel, em entrevista à *Rumos*, esclarece porque a crise ainda nos espreita e se é possível “prever” um futuro melhor. Confira! **POR JADER MORAES**



1929, 2008, 2016

O Brasil está prestes a adotar uma lei, dizendo que os gastos do governo serão fixos, congelados, a partir do próximo ano [PEC 55]. Isso significa que o que costumava ser chamado de política fiscal não está presente na resposta à crise; ao contrário, está ausente. Temos que fazer uma ponderação: se analisarmos a economia global, ela é um jogo de soma zero. Se todos decidem que vão equilibrar o seu orçamento, isso significa que, no final das contas, ninguém vai conseguir equilibrar o seu orçamento, por quê? Porque quanto mais se cortar, caem cada vez mais as receitas dos impostos. O efeito dessa política é gerar a recessão global, porque não há receita de imposto. Eles estão fazendo isso exclusivamente por razões domésticas, sem perguntar o que o resto do mundo

JAN KREGEL

é economista e diretor de pesquisa no Levy Economics Institute e do programa de mestrado em teoria e política econômica do mesmo instituto.

Atua também como professor de finanças de desenvolvimento na Universidade de Tecnologia de Tallinn.

Em 2009, Kregel atuou como Relator do Presidente da Comissão da Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre a Reforma do Sistema Financeiro Internacional.

Dentre os títulos já publicados estão Taxa de Lucro, Distribuição e Crescimento: Dois Pontos de Vista (1971); A Teoria do Crescimento Econômico (1972); Teoria do Capital (1976); e Origini e sviluppo dei mercati finanziari (1996).

Em 2011, Kregel foi eleito para a Accademia Nazionale dei Lincei, também conhecida como a Academia Lincean, a mais antiga organização científica honorífica do mundo.

está fazendo. Se o resto do mundo estiver atuando da mesma forma, significa que, por definição, não vai funcionar. Esse é um ponto para reflexão. O outro é que se voltarmos ao passado e analisarmos a política do *New Deal*, observamos que, em casos específicos, quando do declínio muito rápido do nível de atividade econômica, isso acaba se retroalimentando.

O presidente que apresentou o *New Deal*, Franklin Roosevelt, acreditava em orçamentos equilibrados, toda a sua campanha foi baseada na busca do equilíbrio orçamentário. Por outro lado, quando ele finalmente chegou à Casa Branca, viu o desemprego chegar a 25% e que mais de 1/4 da população americana não tinha emprego, nem renda. E viu que se 1/4 da população não tinha dinheiro para gastar, então as empresas não iam conseguir vender para ninguém. Iam produzir para quem, se não iam conseguir vender? Então, pensou que era preciso intervir, com intervenções que fornecessem empregos diretamente às pessoas, para que elas tivessem renda de fato. E tem mais: Roosevelt não considerava uma boa ideia dar dinheiro para as pessoas gastarem, por meio de esmolas ou doações. Porque aquelas que assim recebem, que, por exemplo, aceitam presentinhos ou transferências de dinheiro, essas pessoas acreditam que são inferiores, que fizeram alguma coisa errada para se tornarem dependentes. Portanto, a ideia era construir e elevar a autoestima das pessoas para que elas fossem capazes de participar. Para fazer isso, ele criou e deu emprego. Por exemplo, ele contratou artistas e professores para plantar árvores nas escolas, para que as pessoas tivessem a ideia de que de fato poderiam contribuir com o sucesso do país, em vez simplesmente de receber presentes do governo. Isso foi totalmente diferente da lógica de equilibrar orçamento ou de qualquer outra coisa. Foi uma questão de: como é que se quebra um movimento cumulativo? Roosevelt impediu o colapso e a economia começou a se recuperar.

A lição aqui é olharmos o caso, por exemplo, do Brasil, com 12 milhões de desempregados. Como se resolve esse problema? Enfrenta-se o problema adotando uma lei que diz que não vai gastar mais dinheiro? Ou será que se fornece trabalho, emprego a essas pessoas para que possam ter dinheiro para gastar? A lógica do programa do *New*

Deal não é que o governo estivesse dando dinheiro ou presentinhos para a população, mas sim estava comprando os serviços da mão de obra que estava produzindo; estava gerando renda e usando essa renda para levar à recuperação da economia. E essa foi a lógica do *New Deal*, aproveitar o tempo de desocupação das pessoas.

Atualmente, os programas são baseados no seguinte: se nós equilibrarmos o orçamento, então automaticamente as empresas vão começar a investir novamente, mas não funciona assim. Não pode funcionar assim, por quê? Porque as empresas não vão investir a menos que achem que serão capazes de vender. Eles não conseguem vender nada se as pessoas não têm dinheiro para gastar. Então, o argumento do *New Deal* era onde se insere a política fiscal. É uma questão de: será que o governo vai ser capaz de gerar recuperação e como fazer isso? Será preciso esperar que os investidores façam isso no seu lugar ou é preciso entrar no mercado e dizer às pessoas: “você que estão parados, desocupados, podem trabalhar e ter dinheiro para gastar, para que a economia possa se recuperar”.

EXPECTATIVA X REALIDADE

A dificuldade básica que temos é que em quase todos os países os governos acham que tudo que eles têm que fazer é equilibrar o seu orçamento e, como num passe de mágica, haverá recuperação da economia, mas não é assim que acontece. De uma perspectiva lógica, não dá para funcionar assim porque isso significa que as companhias criariam estoques fazendo investimentos sem a expectativa de que eles serão capazes de vender o seu produto. Já que as pessoas não têm capacidade para comprar, se sou um homem de negócios, por que eu vou expandir a minha capacidade?

Como eu disse anteriormente, o problema é que, politicamente, a maior parte dos governos ainda acredita que a política ideal é cortar orçamentos. E eles têm problemas com alguns países. O Brasil diz “vamos aumentar os investimentos do governo”, a resposta qual é? “Ah, vamos ter mais dinheiro que vai para o bolso dos políticos e não vai reverter em benefício da população”. É a razão pela qual o exemplo do *New Deal*, aplicado nos Estados Unidos, é muito melhor, porque o dinheiro vai diretamente para o bolso dos trabalhadores, não vai primeiro para as grandes empreiteiras, que se envolvem em ações escusas.

Existem dificuldades com relação a essas políticas. Muitas vezes, as pessoas dizem “não queremos fazer isso porque não confiamos nos políticos”, mas se o dinheiro vai diretamente para as pessoas, se as pessoas estão trabalhando, construindo prédios, pontes e tal, e é perceptível que elas estão fazendo algo concreto com o trabalho delas, estão ganhando dinheiro em função disso.

CURTO PRAZO

Agora, falando de fluxos financeiros que advieram da crise, temos basicamente dois pontos. Em primeiro lugar, todo esse financiamento em dólares significa que qualquer desenvolvimento, qualquer aspecto financeiro se torna extremamente dependente do comportamento da



Para financiar o desenvolvimento, precisa-se do que geralmente é chamado de investidores pacientes, porque o processo de desenvolvimento não gera retornos amanhã ou depois de amanhã, ele gera retorno num horizonte muito longo, no longo prazo.

moeda norte-americana (dólar), e particularmente das políticas monetárias dos Estados Unidos. E, em um nível geral, a maneira pela qual os sistemas financeiros globais se tornaram dependentes do dólar e das políticas monetárias americanas significa que é cada vez mais difícil focar em questões de desenvolvimento local destes países. A forma como o sistema evoluiu significa que as estruturas financeiras locais estão integradas na estrutura global, e o sistema financeiro global tem muito pouco espaço de formulação de política, que é a capacidade de utilizar as suas condições domésticas com o objetivo de responder em termos de políticas internas próprias.

O segundo ponto é que as instituições que estavam buscando ativos de rendimento mais alto eram investidores institucionais: fundos de pensão, companhias seguradoras, e fundos de financiamento de gerenciamento ativo. Todos esses fundos tinham uma visão de investimento de curtíssimo prazo: o dinheiro se movimenta para maximizar os retornos num horizonte de três meses. Se nós analisarmos o processo de desenvolvimento, ninguém se desenvolve em três meses, ninguém se desenvolve em seis meses, há casos que não se desenvolve em seis anos. Para financiar o desenvolvimento, precisa-se do que geralmente é chamado de investidores pacientes, porque o processo de desenvolvimento não gera retornos amanhã ou depois de amanhã, ele gera retorno num horizonte muito longo, no longo prazo.

FUNÇÃO DO DESENVOLVIMENTO

Geralmente, o que está acontecendo é que à medida que os mercados financeiros globais se tornam mais integrados, mais eles dependem do dólar, mais dependem das políticas monetárias americanas e mais se tornam investidores de curto prazo, com uma visão de curto prazo cada

vez maior. E desta forma, se analisarmos o exemplo do Brasil, será que as instituições financeiras do mercado privado deveriam fornecer mais financiamentos para o desenvolvimento? A resposta é, claro, sim. Porém, eles não têm intenção nenhuma em fazer isso, porque estão na mesma posição do mercado financeiro global dessas instituições nos Estados Unidos, na Alemanha, ou em qualquer outro país. Eles têm uma visão, um objetivo de curto prazo, e estão buscando justamente maneiras de maximizar os seus retornos de curto prazo.

A questão é a seguinte, quais são os bancos que estão dispostos a adotar políticas de investimento de longo prazo para aceitar os riscos desse tipo de investimento? Quais instituições estão dispostas a fazer isso? Porque para quem está investindo no curto prazo, o risco é menor, inclusive porque é possível vender mais rápido, se as coisas não funcionarem, se houver problema, vende-se. Agora, ao se investir em um projeto de longo prazo de desenvolvimento, se as coisas piorarem, será preciso esperar.

O Brasil está numa posição muito especial porque ele tem banco de desenvolvimento doméstico que é extremamente eficiente. E, por isso, tem a possibilidade de ter esse horizonte de longo prazo e fornecer financiamento doméstico.